

BETAR & ARQ CLER

Cinema

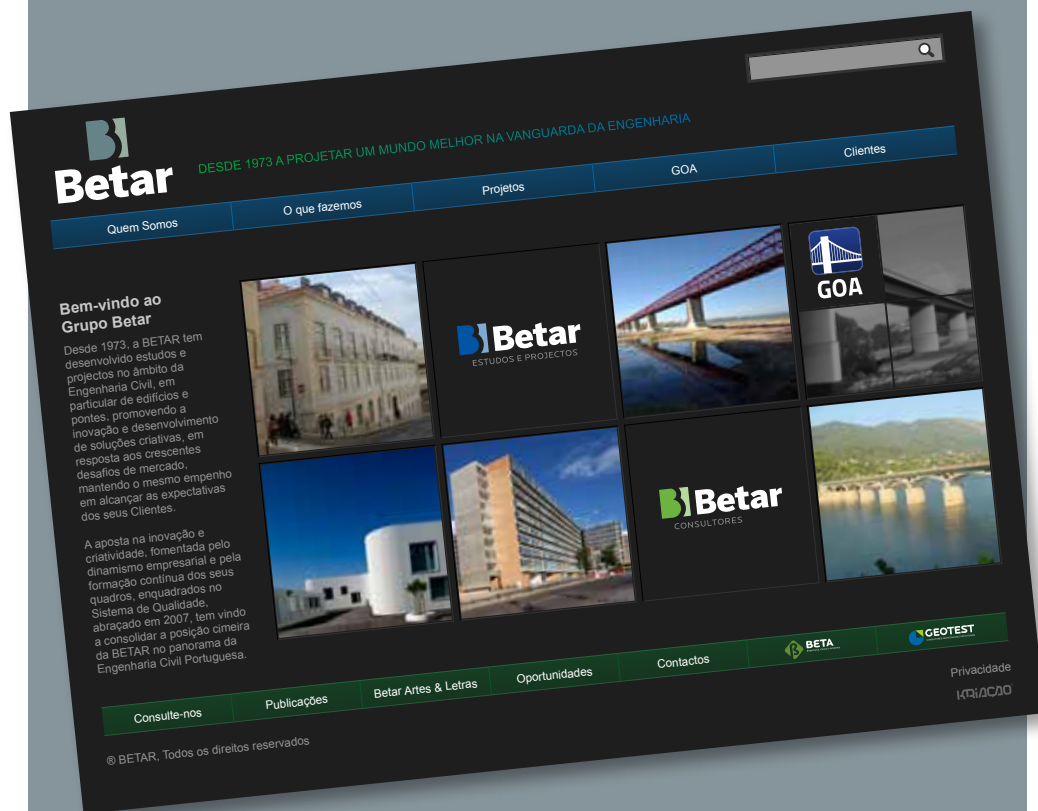
No mês em que se anunciam os Oscars porque não sair de casa e ir ver um filme?

B
Betar

ENTREVISTA
ARQ.
CATARINA SOUSA
E GILBERTO OLIVEIRA

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Instalado o inverno, nada como desfrutar de um bom evento cultural, seja ele no âmbito da música, teatro ou artes.

Se pretende assistir a um concerto, a Artes&Letras sugere o Festival Rescaldo, na Culturgest, cujo objetivo é distinguir produção nacional de vanguarda, e um concerto diferente dos GNR, no CCB. Já no Hot Clube de Portugal a música é outra. O guitarrista João Firmino apresenta “A casa da árvore” e André Carvalho lidera um projeto inovador. No campo da música internacional, destaque para o regresso aos palcos dos Sigur Rós.

Quanto ao teatro, na Cornucópia está em cena “O estado do bosque”, um texto do poeta José Tolentino de Mendonça e o Chapitô brinda-nos com mais uma produção surpreendente: “Macbeth”, uma tragédia de William Shakespeare foi transformada em comédia.

No campo das artes, seleccionámos uma mostra sobre a arquitetura de Nuno Portas, patente no CCB, e uma mais descontraída, exposta no Museu da Electricidade, sobre a temática do riso.

Lá fora, é de realçar a exposição retrospectiva de Lichtenstein na Tate Modern, em Londres. Uma mostra composta por 125 pinturas e esculturas do artista americano conhecido pelos seus trabalhos com base em histórias de quadrinhos e imagens de publicidade, coloridas com pontos pintados à mão.

Por último, a entrevista desta edição é com os arquitetos Catarina Sousa e Gilberto Oliveira, da CAL30, a quem agradecemos a disponibilidade e simpatia.

‘Com a redução demográfica a que estamos a assistir, o que não é sustentável é a dimensão do território construído. Há centenas de milhares de edifícios vazios em Portugal e vamos perder quase 10% da população.’

Os arqs. **Catarina Sousa** e **Gilberto Oliveira**.

Por Cátia Teixeira



Casa na Várzea



Centro de Saúde de Mourão

Ambos iniciaram a actividade profissional no Atelier do Chiado. Como surgiu a ideia de se juntarem para formar um atelier próprio?

Arq. Gilberto – Conhecemo-nos na faculdade e reencontrámo-nos no Atelier do Chiado onde trabalhámos com os arquitetos Cristina Salvador e Fernando Bagulho. Neste atelier, onde estavam também outros colegas da nossa geração, tivemos oportunidade de trabalhar numa equipa que funcionava muito bem correspondendo a um extraordinário período de experimentação e aprendizagem. Foi um tempo fantástico onde se ganharam concursos e se puderam fazer propostas muito estimulantes. A saída deste atelier correspondeu a uma vontade de criar a nossa própria estrutura, um processo natural de amadurecimento entre os arquitetos. O nome CAL proposto pela Catarina sugeria a ideia de nos constituirmos como Cooperativa de Arquitectos de Lisboa. Alguns anos mais tarde voltámos a colaborar pontualmente

com o Atelier do Chiado nos seus projectos, em parcerias que nos dão a possibilidade de alargar o nosso campo de trabalho.

A sustentabilidade é uma das vossas maiores preocupações. É absolutamente fundamental hoje?

Arq. Gilberto – A sustentabilidade é e tem sido absolutamente fundamental no arco temporal de milhares de anos que nos trouxe aqui. A transformação da natureza em artificio sempre foi relativamente sustentável até à aceleração do tempo no século XX. Por exemplo olhando para Portugal agora, com a redução demográfica a que estamos a assistir, os problemas de sustentabilidade irão ser outros: o que não é sustentável é a dimensão do território construído. Tem de haver racionalidade sobre a operação de transformar. Neste momento coloca-se o problema de como renaturalizar os territórios que vão deixar de ter quem os ocupe.

Os problemas económicos atuais podem trazer algo positivo neste sentido, como a recuperação de edifícios em vez de construção nova e a poupança energética e de recursos?

Arq. Gilberto – Sim, teremos que ser mais pragmáticos como sociedade. Há centenas de milhares de edifícios vazios em Portugal e vamos perder quase 10% da população em 2 ou 3 décadas, o que ainda agravará mais a situação. Isto pode ser trágico. Esta crise brutal e que é estrutural mas não vai por em causa, imediatamente, o nosso modelo de sociedade. Daqui a 20 anos as pessoas ainda virão de Loures a Lisboa de carro porque a dispersão da cidade é tão grande que não é viável os transportes públicos chegarem a todo o lado. A concentração de população não é em si uma coisa boa mas a dispersão é em si uma coisa má. Nesse sentido, com esta crise, é imperativo pensar-se na reorganização do território, salvar o que ainda é



salvável e transformar o que é desperdício em coisa útil. Não devemos continuar a expandir as cidades pequenas ou grandes. É uma questão de planeamento sustentável. Esta nossa mega cidade, de Setúbal a Torres Vedras, está mal resolvida. O tecido urbano é gigantesco e disperso... talvez pudéssemos viver melhor concentrados em cidades e deixando os campos para plantar alfaces...

E é caro ter uma atitude sustentável?

Arq. Catarina - Uma boa construção normalmente é mais cara mas também é possível gastar muito dinheiro em coisas que não contribuem em nada para a boa construção. O nosso trabalho passa muito pela gestão dos recursos financeiros disponíveis e estamos sempre a confrontar-nos com opções de projecto que têm de ser pesadas...por exemplo, não faz sentido utilizarmos materiais de revestimento caríssimos e negligenciar a qualidade das caixilharias e a sua eficiência.

Arq. Gilberto - Olhemos para o património maravilhoso que já se acumulou. Por exemplo, estes edifícios da Baixa ou do Chiado que resistem há mais de 200 anos sem um input tecnológico que os transforme radicalmente, edifícios que resistiram aos agentes naturais e ao uso, que tiveram capacidade de ser resilientes. Ou ainda aqui a Rua Garret que permanece a mesma rua bem orientada...

Existe um equilíbrio natural garantido com os meios disponíveis à data e que se perpetua. Os Romanos, quando ocuparam Lisboa, tiveram em conta as exposições solares, os ventos e os declives na ocupação dos seus arrabaldes... um bairro muito bom ergue-se por norma sobre uma natureza generosa. São estes saberes que ainda nos inquietam quando construímos.

Arq. Catarina - Preocupamo-nos com a ideia

de que o edifício tem de resistir ao tempo em termos materiais, funcionais e também estéticos e emocionais. É importante perceber como é que as pessoas vão olhar para os edifícios ao longo do tempo. Pensar se daqui a 10 anos ainda vamos estar confortáveis naquela casa, ou se for necessário vender, se terá mercado. O património construído resiste para além do seu proprietário...

Por altura do 10º aniversário do atelier lançaram a iniciativa “Arquitetura para todos”. De onde partiu esta ideia de promover oficinas de carácter pedagógico?

Arq. Catarina - Entendemos que qualquer profissional deve ter a preocupação de transmitir o seu saber. Nesse sentido, consideramos que um conjunto de oficinas dirigidas aos mais novos podia ser uma experiência interessante e gratificante. Uma pessoa que conhece o seu ecossistema é uma pessoa mais capaz de decidir sobre o que lhe diz respeito. Saber escolher o sítio para viver é fundamental, saber como a casa deve estar orientada é muito importante. Por exemplo chegado o momento da escolha de uma casa o critério para a compra não pode ser apenas o ser nova... aliás, uma casa antiga já mostrou do que é capaz e, por norma, tem uma situação geográfica mais favorável, terá ocupado o melhor terreno...

Como é trabalhar com a Betar?

Arq. Catarina - A Betar tem sido o principal parceiro no desenvolvimento dos projetos do atelier. Temos aprendido muito com os nossos amigos engenheiros... Trazem-nos sempre um saber novo e muito profissional. Sem este trabalho de equipa não seria possível a concretização de muitas das ideias que perseguimos.

Os vencedores dos Oscars vão ser conhecidos no final do mês. Um dos filmes mais nomeado é “Django libertado” que aqui divulgamos. Não deixe de ver a nova produção de Quentin Tarantino

Django Libertado

Uma guerra contra os preconceitos



Título original: Django Unchained
De: Quentin Tarantino
Com: Jamie Foxx, Don Johnson, Leonardo DiCaprio, Samuel L. Jackson, Christoph Waltz
M/16, EUA, 2012, 141 min

Estamos no oeste selvagem dos EUA em 1858. Dr. King Schultz, dentista e caçador de recompensas, compra o escravo Django, que tenciona libertar em troca de um pequeno favor: ajudá-lo a encontrar, mortos ou vivos, os irmãos Brittle, conhecidos por aterrorizarem a população com os seus atos de crueldade indiscriminada. Depois de o conseguirem, Schultz decide ajudar o ex-escravo a encontrar Broomhilda, a jovem esposa de quem perdeu o rasto algum tempo antes. Ao percorrer um longo caminho, chegam à enorme plantação do poderoso e cruel Calvin Candie, que enriqueceu à custa de trabalho escravo. Para que seja possível o resgate da rapariga, terão de lutar, não apenas contra Candie e os seus capatazes, como também contra preconceitos profundamente enraizados.

Filme escrito e realizado por Quentin Tarantino, uma comédia negra sobre a escravatura em jeito de “westerns spaghetti”.

Um Porco em Gaza

Forma invulgar de subsistência



Título original: Le Cochon de Gaza
De: Sylvain Estibal
Com: Baya Belal, Myriam Tekaïa, Sasson Gabai
ALE/BEL/FRA, 2011, 98 min

Jaafar é um pescador palestino a viver na Faixa de Gaza com uma tremenda falta de sorte. Certo dia encontra algo de invulgar na sua rede de pesca: um porco de 110 quilos. E o que pode o pobre homem fazer quando a sua religião proíbe tocar - e muito menos comer -, aquilo que ele próprio pescou? Depois de tentar, sem sucesso, vender o animal, descobre que existe nas redondezas uma comunidade judaica que faz criação de suínos. Uma vez que aos judeus também não lhes é permitido comer carne de porco, Yelena, a criadora, mostra-se apenas interessada no esperma do bicho. E é assim que Jaafar descobre um meio de subsistência pouco convencional mas bastante lucrativo: o contrabando de esperma de suínos. Porém, a grande dificuldade, é manter o animal fora da vista de toda a comunidade onde vive, inclusivamente da sua mulher...

A produção nacional tem destaque nesta edição da Artes&Letras com o Festival Rescaldo, O jazz do Hot Clube e o concerto intimista dos GNR. Os Sigur Rós são os representantes internacionais



Rescaldo

Culturgest e Trem azul – De 7 a 16 de Fevereiro

CONCERTO

O Festival Rescaldo tem como objetivo de distinguir produção nacional de vanguarda. Nesta edição, o festival apresenta 13 concertos. Dia 7 Go Suck a Fuck e Albatre, dia 8 Diamond Gloss e Filho da mãe, dia 9 Bruno Béu e Almost a Song, dia 14 Radial Chao Opera e Rodrigo Amado Hurricane, dia 15 Tropa Macaca, Pedro Lopes e Pop dell'Arte e dia 16 Luís Lopes Noise Solo, Black Bombaim e Flak DJ Set.



João Firmino e André Carvalho

Hot Clube de Portugal – JF, de 7 a 9 de Fevereiro, e AC de 14 a 16

CONCERTO

Num dos concertos, o guitarrista João Firmino apresenta “A casa da árvore”, acompanhado por Desidério Lázaro (saxofone tenor), João Hasselberg (contrabaixo) e Luís Candeias (bateria). No outro, um projeto liderado pelo contrabaixista André Carvalho com Jorge Reis (saxofone alto), Zé Maria (saxofone tenor), Jeffery Davis (vibrafone), Bruno Santos (guitarra), Martin Reiter (piano) e João Rijo (bateria).



Sigur Rós

Campo Pequeno – Dia 14 de Fevereiro

CONCERTO

Após três anos de pausa, os Sigur Rós regressam aos palcos e, como não podia deixar de ser, passam por Portugal. Idolatrados por grandes nomes da música, como os Radiohead, os Sigur Rós surpreendem pelo complexo jogo de ideias e misturas que os levam das melodias pós-rock a elementos de música clássica e minimalista, capazes de nos fazer levitar.



GNR : Afectivamente

CCB – Dia 16 de Fevereiro

DANÇA

Com mais de trinta anos de carreira, os GNR avançam agora com um novo conceito, e decidem desligar a maior parte das tomas: o baixo eléctrico cede lugar ao baixo acústico, a guitarra eléctrica passa as cordas ao violino e os teclados rendem-se ao piano. O próprio Rui Reininho será mais acústico. Os clássicos que celebrizaram o Grupo Novo Rock vão soar de forma diferente.



Concertos e Óperas em fevereiro

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Só a Gulbenkian não é, em Fevereiro, afetada pela “dieta troika”, pois mantém a superlativa qualidade de sempre. Vejamos e ouçamos:

- Il Complesso Baroco e a grande sopano Joyce DiDonato; Dir. Alan Curtis

- Royal Concertgebouw Orchestra, Dir. Mariss Jansons

- Orchestre des Champs-Élysées, Dir. Philippe Herreweghe

- Violinista Viktoria Mullova (and friends) num programa transversal a toda a música

- Orquestra Gulbenkian, Dir. Jakub Hrusa e Piotr Anderszewski (pn.) em Dalbavie (n. em 1961), Szymanowski e Brahms

- Orquestra Gulbenkian, Dir. Dalbavie e Yuriy Mylenko (ct.) em Dalbavie e Debussy

- Coro, Orquestra Gulbenkian e Solistas; Dir. Alain Altinoglu, na Cantata “O Martírio de S. Sebastião” de Debussy

- Il Divino Sospiro, Coro Gulbenkian e Solistas; Dir. Enrico Onofri, na Ópera de Monteverdi “L’Orfeo” (a primeira obra prima da história da ópera)

- Pianista Gabriela Montero num programa variado e não convencional

- Orquestra Gulbenkian; Dir. René Jacobs, em Haydn (Sinfonia nº 1049, Mozart (concerto de clarinete) e Schubert (Sinfonia nº 6)

É um mês em cheio (pelo menos 10 concertos a não perder). Consultar detalhes em www.gulbenkian.pt



Monteverdi

CENTRO CULTURAL DE BELEM

2/2 às 21 horas (Pequeno Auditório)

O Opus Ensemble num programa de música portuguesa e espanhola.

9/2 às 21 horas (Grande Auditório)

A Orquestra de Câmara Portuguesa num programa com Haydn, Prokofiev (A Sinfonia Clássica) e a 2ª Sinfonia de Beethoven.

10/2 às 17 horas (Pequeno Auditório).

O Ensemble Darcos e Luis Rodrigues (bar.) interpretam Nuno Corte Real (ciclo de canções sobre poemas de Eugénio de Andrade) e Brahms (o quarteto com piano Op. 60).

TEATRO NACIONAL SÃO CARLOS

O TNS não tem ópera em Fevereiro (certamente congelada pela “troika”), mas tem alguns concertos comemorativos dos 30 anos da Orquestra Sinfónica Portuguesa. Consultar para este efeito www.saocarlos.pt.

TEATRO

Este mês estão em cena “O estado do bosque”, um texto de José Tolentino de Mendonça e “Macbeth”, de Shakespeare transformada em comédia. Duas peças a não perder



Macbeth

“Macbeth” é uma tragédia de William Shakespeare que a companhia do Chapitô adaptou para a transformar numa comédia.

Em Macbeth (1605), a ambição é o motivo que leva à conspiração contra a vida de um rei. Lady Macbeth, movida pelo desejo de vingança e pela ambição de se tornar rainha, seduz Macbeth a cometer o assassinato do Rei Duncan, pretendendo assim herdar o trono. O ambiente é sombrio, fúnebre, como as almas dos personagens e os seus sórdidos planos pela conquista do poder. A presença do sobrenatural e de feitiçarias auxiliam na construção deste clima. É a única peça de Shakespeare aparentemente relacionada com a situação histórica da Inglaterra do século XVI. Uma história baseada em factos reais.

Chapitô

Até 17 de Março
Encenação: John Mowat
Interpretação: Jorge Cruz, Ricardo Peres, Tiago Viegas



O Estado do Bosque

Esta história passa-se num bosque. Imagina um bosque que só pode ser atravessado mediante a ajuda de um cego, o único que consegue guiar quem quer que seja nessa travessia. O cego chama-se John Wolf. Nesta história, há um homem de meia idade e um homem mais novo que acabam por atravessar o bosque com o cego. E nesta história há ainda uma rapariga que fica de fora, Vivianne Mars, e um destino que pensava vencer o cego. E é nesta mesma história que John Wolf reza outra versão da “oração que Deus nos ensinou”. A poesia passa a ser teatro e o teatro poesia. Na floresta das metáforas. Um texto do poeta José Tolentino de Mendonça, em estreia absoluta no Teatro da Cornucópia, que não vai deixar ninguém indiferente.

Teatro Cornucópia/Bairro Alto

De 7 a 24 de Fevereiro
Encenação Luis Miguel Cintra
Interpretação David Granada,
Luis Miguel Cintra, Nuno Nunes e
Vera Barreto

ARTES

Não pode deixar de assistir a uma mostra sobre a arquitetura de Nuno Portas ou a uma sobre a temática do riso que reúne quase 500 obras de 273 autores

CCB

Garagem Sul – Exposição de Arquitetura: “O ser urbano – nos caminhos de Nuno Portas”

Até 24 de Fevereiro

Esta exposição abrange cerca de 50 anos do percurso profissional de Nuno Portas, personalidade múltipla e heterodoxa que atravessou momentos fulcrais da cultura portuguesa, produzindo obras de referência – no âmbito da crítica cultural, da investigação, da arquitetura, do urbanismo, das políticas da habitação e da cidade -, as quais indexam as últimas décadas da nossa história recente. Para melhor compreender a mostra, o professor Nuno Portas fará visitas temáticas. Dia 5 de Fevereiro, às 14:30, “A experiência do Projecto Urbano: Aveiro, Lisboa, Rio de Janeiro, Roma e Argel” e dia 19, à mesma hora, “O hipertexto urbano: a investigação em torno da cidade difusa”. Para além destas, há ainda uma visita global, orientada pelo arquiteto Nuno Grande, comissário da exposição, no dia 23, às 15:00.



MUSEU DA ELECTRICIDADE

Riso, uma exposição a sério

Até 17 de Março

A Fundação EDP volta às grandes exposições temáticas. “Riso” mostra a criação portuguesa vista sob “os temas que desde sempre provocaram diferentes tipos de riso: o quotidiano, a política, o amor, a morte...”. Feita em parceria com as Produções Fictícias, de Nuno Artur Silva, “Riso. Uma Exposição a Sério” reúne quase 500 obras, 273 autores, 55 emprestadores e 30 mil parafusos... Nas palavras de Nuno Artur Silva, o grande desafio desta exposição foi “pensar o riso e a importância do riso na sociedade contemporânea” e fazer “conviver as obras de arte com obras de entretenimento”. Assim, podemos ver vídeos com programas de humor, como o Tal Canal de Herman José, rábulas de Raul Solnado ou alguns sketches dos Gato Fedorento, ao lado de obras de artes plásticas de autores como Jeff Koons, Vasco Araújo, João Pedro Vale ou Paula Rego.

Este mês é de realçar a exposição retrospectiva de Lichtenstein, composta por 125 pinturas e esculturas do artista americano conhecido pelos seus trabalhos com imagens publicitárias



Londres, Tate Modern

Lichtenstein: Retrospectiva

De 21 Fevereiro a 27 Maio

A Tate Modern tem o orgulho de apresentar uma exposição de um dos maiores artistas americanos do século XX. Lichtenstein é conhecido pelos seus trabalhos com base em histórias de quadrinhos e imagens de publicidade, coloridas com pontos pintados à mão. A exposição reúne 125 das suas pinturas e esculturas mais importantes, tais como “Whaam!” (1963) e “Drowning Girl” (1963). Sala após sala podemos prestar homenagem à sua obra extraordinária, celebrando o poder visual e rigor intelectual do trabalho deste artista.

Madrid, Thyssen-Bornemisza

Impressionismo e ao ar livre. De Corot a Van Gogh

Até 12 de Maio

Com mais de cem obras de artistas como Turner, Constable, Corot, Rousseau, Courbet, Daubigny, Monet, Sisley, Renoir, Seurat, Van Gogh e Cézanne, o objetivo desta exposição é abordar o fenómeno da pintura a óleo de paisagens ao ar livre, uma prática artística que ofereceu novas e inesperadas possibilidades de representação da paisagem, e revolucionou a pintura do século XIX, como um todo. A exposição é organizada tematicamente em torno de alguns dos motivos mais populares para a pintura da natureza: árvores, pedras, riachos... e reúne exemplos de diferentes períodos e escolas.



Madrid, Museu Rainha Sofia

Robert Adams: O lugar onde vivemos: fotografias

Até 20 de Maio

Robert Adams tem sido considerado um dos cronistas mais originais e únicos do Oeste americano, com quatro décadas de carreira. A partir de meados dos anos 60 Adams tem desenvolvido um trabalho fotográfico conhecido pela sua austeridade e uma visão particularmente subtil. Esta exposição traça o longo relacionamento entre as imagens de Robert Adams e vida americana, uma relação baseada na beleza da humanidade e a sua comunicação com o mundo natural.

Em Fevereiro há pouco Carnaval mas pode encontrar outros divertimentos... Veja as sugestões culturais da cidade, criteriosamente seleccionadas por Maria João Duarte

Música

COLISEU: Sigur Rós, grupo islandês, + Blank Mass (13), GNR “Afectivamente” (15), “Um americano em Paris” de Gershwin, concertos Promenade (17), Martinho da Vila “4.5-45 anos de carreira” (7mar). **HARD CLUB:** “Crystal Castles”, concerto caótico e imprevisível da dupla Alice Glass e B.Kath (16). **CASA DA MÚSICA:** “Quarteto de Cordas de Matosinhos” (5), Katia Guerreiro faz concerto de solidariedade a favor da Associação Bagos d’Ouro (8), “Batucada Brasil”, um cheirinho a Carnaval (9), “Concerto de Carnaval” Orquestra Sinfónica do Porto-OSP (10), “Bach Be Cue”, um restaurante que serve melodias barrocas (17), Diego El Cigala, apelidado o Frank Sinatra do flamenco! (28), “Tripla Aniversário” de 3 compositores polacos do séc.XX: Penderecki e Kilar, 80 anos e Lutoslawski 100! OSP (2 mar), “Virgem Suta”, banda de Beja com “Doce Lar” (2 mar). Stefano Bollani, pianista & Enrico Rava, trompetista, jazz italiano (5 mar). **“MÚSICA DE BOLSO”** (p/bebés): Qual é a coisa qual é ela que está no bolso escondida mas que com a ajuda de uma corda -de violino, vocal, etc- não passa despercebida? (24). **TEATRO HELENA SÁ E COSTA:** “Euroclassical”, 6 concertos, da Música Antiga à percussão, por alunos e ex-alunos da ESMÁE (27 até 3 mar) **“A MÚSICA NO CINEMA”:** O Porto foi pioneiro da indústria cinematográfica em Portugal, tendo sido criada, na primeira década do século XX, a “Invicta Film Lda”. Uma das suas primeiras produções foi “O Naufrágio do Veronese”, a filmagem do naufrágio do navio em Matosinhos, em Fev. de 1913. Este é o mote para um ciclo de cine-concertos (música+filmes) que inclui: “Il Deserto Rosso” de Antonioni + os alemães

Jazzanova (7); “Ensaio de Orquestra de Fellini + OSP (14); “Itália no cinema”, temas de “O Padrinho”, “O Carteiro de P.Neruda” ou “A Vida é Bela” + OSP (16), “Imagens Corais”, excertos de “West Side Story”, Adagietto de Mahler, obras de Arvo Pärt e Philip Glass + Coro Casa da Música (17), “Música para o Cinema Mudo” + Remix Ensemble (19); “A música no cinema de Visconti” + OSP (22); “Bandas Sonoras Instantâneas” + Orquestra Factor E! (23) “Sentimento” de Visconti + OSP (24); “Obras para big band” + Orquestra Jazz de Matosinhos.

Teatro e Dança

COLISEU: “Uma noite em casa de Amália” (2 a 7). **CAMPO ALEGRE:** “Adivinhe quem vem para rezar”, Seiva Turpe (até 10). T. N. S. JOÃO “A Estalajadeira” de Goldoni (até 3 mar). “A Bela Adormecida”, Russian Classical Ballet (22), “Tango Pasi6n” (28). **CARLOS ALBERTO:** “Pin6quia!” texto, encenação e interpretação de L6dia Martinez (28 a 3 mar). RIVOLI: “A bela e o monstro” (até 10), “Zorro”, musical (11 a 1 jun). **BELMONTE:** “Capuchinho Vermelho XXX, 1988”, para adultos com s6lida formaç6o moral, Teatro de Marionetas do Porto (28 a 9mar)

Exposiç6es

PALÁCIO DAS ARTES-FÁBRICA DE

TALENTOS: “Filhos de um Deus menor” (até 15). **CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA:** Obras do fot6grafo espanhol Català-Roca (até 7 abr)

Em Fevereiro voltamos a ter crónicas de colaboradores, o que muito nos agrada. Maria do Carmo Vieira e Gonçalo Wahnnon sugerem-nos dois livros das suas bibliotecas. Porque não seguir os conselhos?

Um livro da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



António Martínez

Sou a Júlia

Numa ida a uma livraria, num daqueles momentos em que, distraidamente, folheamos um ou outro livro, deparei-me com este título e a promessa de uma história surpreendente. Sou a Júlia conta a curta história de vida de uma menina portadora de uma lesão cerebral irreversível, que, prestes a completar dois anos, decide organizar as suas memórias, transcrevendo-as sob a forma de um diário.

O seu autor, António Martínez, conquistou-me pela forma irónica e bem-humorada como nos transporta para o universo dos “pensamentos” de um bebé catalogado de diferente, transformando Júlia na fascinante, ternurenta, envolvente e carismática narradora do seu quotidiano.

Os leitores que já conviveram com a dura carga emocional que envolve a aceitação e posterior adaptação a todas as dificuldades inerentes a estas patologias, certamente se irão rever nos desesperos, nas angústias, nas lágrimas, nos gritos, nos avanços e recuos, nas profundas alegrias e nas pequenas grandes vitórias dos que amam um bebé que não sabe fazer nada e nunca vai saber fazer nada...

Júlia proporciona-nos momentos de radiosa ficção, travestindo dificuldades em episódios cómicos, repletos de ironia, encaminhando-nos numa progressiva percepção que, um bebé com um atraso profundo, na realidade, pode ter a sua própria interpretação do meio envolvente. Júlia demarca-se do rótulo de grupo de bebés que padecem de um atraso profundo dizendo: na realidade não me atraso, o que me acontece, pura e simplesmente, é que não progrido. É directa mas profunda na sua auto-avaliação: sou, no geral, muito difícil, uma miúda bastante incómoda... Ou seja, não sou de maneira nenhuma a filha com que todos os pais sonham.

As páginas vão-se sucedendo e o leitor vai acompanhando as travesuras ficcionadas de Júlia até ao dia do seu segundo aniversário. O autor surpreende-nos pela forma como, brincando com as palavras, nos oferece a possibilidade de conviver descontraidamente com a diferença, sem, no entanto, camuflar os momentos dolorosos desse relacionamento.

Destaco algumas das pérolas desta narrativa fascinante: o serviço de teleberço, lisencefalia...uma palavra de tal força plástica que basta pronunciar-la para desarmar qualquer um que pergunte por ela, o que tem a menina, pobrezinha?; a peregrinação de exame em exame... às vezes o carisma pode ser um fardo...cada vez que entro no hospital querem ficar comigo; teste de apagar “um nove em dez deixava-me a um passo da Bo Derek”.

Um livro da minha vida

GONÇALO WAHNNON



Homero

Ilíada

Literatura e cinema andam de mãos dadas. Penso em Coppola e na cena final no Padrinho I em que, durante o baptizado, Don Corleone limpa o sebo à concorrência: o rigor da montagem ao serviço da beleza da violência. Também Kurosawa, anos antes, filmava o final duma batalha exibindo corpos trespassados por mais setas do que uma pregadeira terá alfinetes. Dois estetas com um enorme rigor na mise-en-scène, dão-nos a ver imagens fortes que, apesar disso, nos maravilham.

Lembro-me destes realizadores enquanto leio a Ilíada e constato que não é livro para estômagos fáceis: ao longo deste belíssimo poema, 230 homens Gregos e Troianos são extirpados, decepidos, trespassados ou feridos por espadas, pedras, lanças ou flechas! E apesar de toda essa violência, a obra é magnífica. Através da qualidade musical e rítmica do verso homérico somos levados pelos dramas, emoções e vinganças destes heróis épicos e das suas batalhas, conseguindo, facilmente, envolvermo-nos nos seus problemas de tal modo esses milhares de versos, apesar de tão antigos, parecerem actuais. Arrisco dizer que poucas obras literárias serão tão cinematográficas como esta, sobretudo se atender à descrição da violência referida: há ritmo, cor, movimento, força narrativa e tudo o mais que encontramos no bom cinema. Contudo, nem em todo o bom cinema encontramos a poesia que a Ilíada nos traz.

A obra que leio, na tradução irrepreensível de Frederico Lourenço, é um poema épico que se faz de 16 mil versos que se lêem de um fôlego; é um poema de guerra, de valentia, de heróis; é um poema que relata uma batalha que durou dez intermináveis anos no fim da qual Aquiles, o valente guerreiro que se recusou sempre a lutar, mata Heitor, vingando a morte de Pátrocolo às mãos daquele. E Tróia morre quando morre Heitor, acabando essa longa e violenta guerra que começou porque Páris raptou a bela Helena, mulher de Menelau, rei de Esparta.

Devia ser mesmo bela, essa Helena...



**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQS. CAL 30
CASA NA SERRA, AZÓIA**